



MOREIRA, Isabelly. Onde a poesia cabe. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 261-263. ISSN 2527-080-X.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7>

ONDE A POESIA CABE

Isabelly Moreira¹

Um poema se faz vivo quando impulsiona, pelo menos, um aplauso. Um poema se faz vivo quando é cravado na memória de alguém. Um poema se faz vivo quando é desenhado em uma página de um livro. Um poema se faz eterno quando está na boca do povo.

E foi com essa vontade de estar na boca do povo que a Oficina a Voz da Poesia surgiu, alargando as formas eminentemente técnicas das atividades formativas, até então, elaboradas por mim.

Cada vez que eu ingressava em uma sala de aula de escola pública, pensava que era ali que a poesia também deveria estar, no olhar do estudante que ocupava a primeira cadeira, até a galera do fundo. E por que não, incluir esses poemas como ferramenta de ensino, nas pastas incontáveis de cada professor(a)?

Poeta sonha alto e nesses ambientes a minha imaginação não se continha, não se contentava o suficiente para seguir fazendo oficina de literatura de cordel, rima, métrica e outras matemáticas letradas. Passei a mudar receita, improvisar, acrescentar e desmanchar roteiro de acordo com o público de cada oficina oferecida. Cada qual, com sua voz. Cada uma, com sua poesia. Era gostoso, mas poderia ter mais tempero.

O sabor aumentou com a chegada de um convite para fazer poesia na Colônia Penal Feminina Bom Pastor. Aceitei. Fui. Nocaute atrás de nocaute, mas sem contato físico. O ringue era uma sala – tipo refeitório – e os socos eram oferecidos em versos que atingiam, simbolicamente, a boca do estômago do preconceito; o olho do estigma social; o rosto do machismo impregnado em cada sentença aguardada e, claro, atingiam em cheio a minha realidade minúscula diante daquela imensidão de mundos cruzados pelos destinos sem

¹ Poetisa, ativista cultural e integrante do grupo musical “As Severinas”.

sorte. Todas elas, mulheres vitoriosas naquela fatídica oficina que me deixou exausta por uns três dias. Na ocasião, a psicóloga presente chegou a me falar que essa fora uma das raras atividades de literatura que as mulheres participaram com tanto afinco. A diretora me alertara que era comum haver redução de participantes em oficinas que durassem mais de um dia. Porém, na nossa, o mar correu para o rio, mais mulheres chegaram e suas vagas foram improvisadas com a felicidade da recepção. “A Voz da Poesia” estava testada e pronta. Ou, pelo menos, pronta para (re)começar. E eu disposta, com coragem de sobra.

A Pandemia veio e furou um (de tantos) sonhos presenciais possíveis: circular por algumas cidades do Estado de Pernambuco, dialogando com mulheres do campo. Inventei, enfrentei e adequiei a oficina que funcionou virtualmente, driblando as exclusões digitais e as instabilidades cibernéticas das zonas rurais mais interioranas. Mas, sabe aquele gosto, aquele tempero? Continuava se chegar. Talvez fosse o abraço não dado presencialmente, talvez fosse saber que muitas mulheres ficaram de fora por não estarem adequadas ao ambiente virtual e a sua velocidade desumana. A minha cabeça fervia e o meu coração pulsava no Pajeú.

Deitei os olhos no meu lugar, meu quintal de todos os dias e, por um bom uso de uma política pública estadual, consegui financiamento para passear por quatro cidades pajeuzeiras e poetizar com cinco turmas de mulheres. Números que anteciparam a revelação de nomes que foram ensaios para o contorno das faces de sertanejas-poemas. Protagonistas de si, a poesia cantou no meio da Caatinga. Segundo nocaute anunciado, mas a esse, eu já me preparava e me mantinha de pé.

Por todas as turmas, ministrei a Oficina levando um sortimento de poemas exclusivamente da autoria de mulheres poetas/poetisas. Uma oficina ministrada por uma mulher, trabalhando poemas de mulheres com um público unicamente de mulheres, era quase um slogan chiclete de loja feminina nacional: de mulher pra mulher...

Uma constatação! A poesia cabe em todos os lugares. A Voz da Poesia não se revela uma oficina para aprender a fazer poema, mas uma oficina para se permitir sentir a poética. É uma vivência, não uma aula formada pela técnica. Afinal, o poema é a roupa que veste a poesia. Por essa analogia, nos despimos em cada edição e o resultado não tem como haver maquiagem ou harmonização, é o que se é. Poesia crua diluída em veias vivas que pulsam em bocas letradas e analfabetas, sem querer distinguir profissão ou idade.

Um poema lido, um poema declamado, um poema, pintado, desenhado, esculpido, tudo se é dispensado, se for poema vivido e é aqui que a poesia se revela voz.

Ser poeta é quem escreve
Ou é poeta quem sente?
Pela ânsia que me atreve,
Um poeta, é mesmo gente?

Poeta não se carece
De ter padrão em estilo

A poesia não perece
E nem se vende no quilo

E é por tudo isso e além de tudo, que a poesia cabe em todos os lugares, em todas as bocas. É por isso que a poesia segue firme nas vozes de mulheres rurais, muitas sem ter tido acesso ao ensino formal ou a formalidades cotidianas. A poesia é feminina – na palavra – e dispensa traje a rigor.

Quer acompanhar mais sobre a Oficina A Voz da Poesia? Acesse o *link* e veja os resultados dessa vivência que não vai parar por aqui:

<https://heyzine.com/flip-book/41094e0836.html>

Acompanhe também pelo canal:

<https://www.youtube.com/@VamosEspalharPoesia>

A Poesia é movimento
Plantado em solo fecundo
É palavra em movimento
Pelas gargantas do mundo

Isabelly Moreira,
São José do Egito/PE, 18 de maio de 2024.